

PLANO DE AULA

ÁREA: Metafísica.

TEMA: A verdade.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA: Filosofia Antiga.

INTERDISCIPLINARIDADE: Literatura Contemporânea

DURAÇÃO: 5 aulas de 50´

AUTORIA: Caroline Mendes de Carvalho e Luciana Xavier de Castro

OBJETIVOS:

Refletir sobre a dualidade entre o mundo sensível e inteligível em Platão, tendo como referência o filme “*Matrix*” e a obra “*Alice no país das maravilhas*” de Lewis Carroll.

METODOLOGIA:

O desenvolvimento desta proposta será realizado por meio da apresentação do texto filosófico de Platão, um fragmento da obra de Lewis Carroll e o texto de apoio que consiste em facilitar o entendimento do pensamento platônico. Será exposta, também, uma gravura para a representação da “Alegoria da Caverna” e um trecho do filme *Matrix*.

Os recursos didático-pedagógicos utilizados serão retro-projetor, quadro e giz, DVD e televisão.

PROGRAMAÇÃO:

1ª aula:

Apresentação dos principais conceitos de Platão, com o uso do texto de apoio “*O mito da caverna*”¹ para facilitar a compreensão da divisão platônica entre o mundo sensível e o mundo inteligível.

2ª aula:

¹ ARANHA; Maria Lúcia de Arruda e MARTINS; Maria Helena Pires. *Filosofando; Introdução a Filosofia*. Ed. Moderna. Pg. 222.

Apresentação em transparência dos principais trechos do capítulo VII do livro “*A República*”. Mostra de gravura para fazer analogia ao “*Mito da Caverna*”.

3ª aula:

Exibição primeira parte do filme *Matrix*, com duração de 20’, ressaltando, ao fim da exibição, o conteúdo filosófico que se pode tirar do filme.

4ª aula:

Leitura do trecho inicial da obra “*Alice nos país das maravilhas*”, comparando-o com o filme “*Matrix*”, e o “*Mito da Caverna*”, embasado na teoria platônica. Comparar os aspectos do mundo sensível e inteligível em cada item, para facilitar a compreensão do pensamento de Platão.

5ª aula:

Conclusão de todo conteúdo, em debate.

CONTEÚDOS:

- **Texto de apoio:** “*O mito da caverna*” de *Filosofando:*

O mito da Caverna

No livro VII de *A República*, Platão ilustra o seu pensamento com o famoso "mito da caverna". Imagina uma caverna onde estão acorrentados os homens, desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Aí são projetadas as *sombras* das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. “Se um” desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os *verdadeiros objetos*, quando regressasse, os seus antigos companheiros o tomariam por louco, não acreditando em suas palavras. A análise desse mito pode ser feita pelo menos sob dois pontos de vista: o epistemológico (relativo ao conhecimento) e o político. Na dimensão epistemológica, Platão explica o que é o conhecimento humano por meio da *teoria das idéias*. Esta teoria mostra o caráter idealista do pensamento platônico (ver Cap 11, item 2).

Para Platão, há dois mundos: o *mundo sensível*, dos fenômenos, e o *mundo inteligível*, das idéias. O primeiro acessível aos sentidos, é o mundo da multiplicidade, do movimento, e é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. “Mas, se percebemos inúmeras abelhas dos

mais variados tipos, a idéia de abelha deve ser una, imutável,” a verdadeira realidade. Portanto, acima do ilusório mundo sensível, Um mundo das idéias gerais, das essências imutáveis que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos que enganos dos sentidos. Essas idéias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a, idéia do Bem a mais alta em perfeição e a mais geral de todas: os seres e as coisas existem senão na medida em que participam do Bem. E o Bem supremo é também a Suprema Beleza. É o Deus de Platão.

Mas como é possível que certos homens ultrapassem o mundo das aparências ilusórias? Platão supõe que os homens já teriam vivido como puro espírito quando contemplaram o mundo das idéias. Ao "decair", se "aprisionando" em um corpo (que é sempre um túmulo da alma), todos esquecem. Mas a visão (pelos sentidos) das coisas sensíveis desperta na alma as lembranças adormecidas. A chamada teoria da reminiscência.

Há uma dialética que fará a alma elevar-se das coisas múltiplas “e mutáveis às idéias unas e imutáveis”. O filósofo, o que se libertou das correntes ao contemplar a verdadeira realidade e ter passado da opinião (doxa) à ciência (epistémé), deve retomar ao meio dos homens para orientá-los.²

- **Breve explanação do pensamento de Platão enfocando o capítulo VII do livro “A República” de Platão, dado destaque ao trecho p. 287 – 291:**

SÓCRATES – Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem.

GLAUCO - Imagino tudo isso.

SÓCRATES - Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima dele, figuras de homens e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam em silêncio.

GLAUCO - Similar quadro e não menos singulares cativos!

² ARANHA; Maria Lúcia de Arruda e MARTINS; Maria Helena Pires. *Filosofando; Introdução a Filosofia*. Ed. Moderna. Pg. 222.

SÓCRATES - Pois é nossa imagem perfeita. Mas, diga-me: assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica frente?

GLAUCO - Não, uma vez que são forçados a ter imóvel a cabeça durante toda a vida.

SÓCRATES - E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?

GLAUCO - Não.

SÓCRATES - Ora, supondo-se que pudessem conversar não te parece que, ao falar das sombras que vêm, lhes dariam os nomes que elas representam?

GLAUCO - Sem dúvida.

SÓCRATES - E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?

GLAUCO - Claro que sim.

SÓCRATES - Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilavam.

GLAUCO - Necessariamente.

SÓCRATES - Vejamos agora o que aconteceria se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via.

Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?

GLAUCO - Sem dúvida nenhuma.

SÓCRATES - Obrigado a fixar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados?

GLAUCO - Certamente.

SÓCRATES - Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por serem reais?

GLAUCO - A princípio nada veria.

SÓCRATES - Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

GLAUCO - Não há dúvida.

SÓCRATES - Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

GLAUCO - Fora de dúvida.

SÓCRATES - Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

GLAUCO - É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões.

SÓCRATES - Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da idéia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram?

GLAUCO - Evidentemente.

SÓCRATES - Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

GLAUCO - Não há dúvida de que suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga.

SÓCRATES - Atenção ainda para este ponto. Supõe que nosso homem volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primitivo lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas?

GLAUCO - Certamente.

SÓCRATES - Se, enquanto tivesse a vista confusa -- porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade -- tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço, e que assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade, mereceria ser agarrado e morto?

GLAUCO - Por certo que o fariam.

SÓCRATES - Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que

o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a idéia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

- **Exibição do filme:**

Exibição da primeira parte do filme *Matrix*, com duração de 20'; em que, o protagonista *Neo*, tem a opção de escolher entre a realidade em que vive (o programa matrix) e o mundo real (ainda desconhecido por ele).

- **Leitura do trecho inicial da literatura infantil “*Alice no país das maravilhas*” de Lewis Carroll, que se segue:**

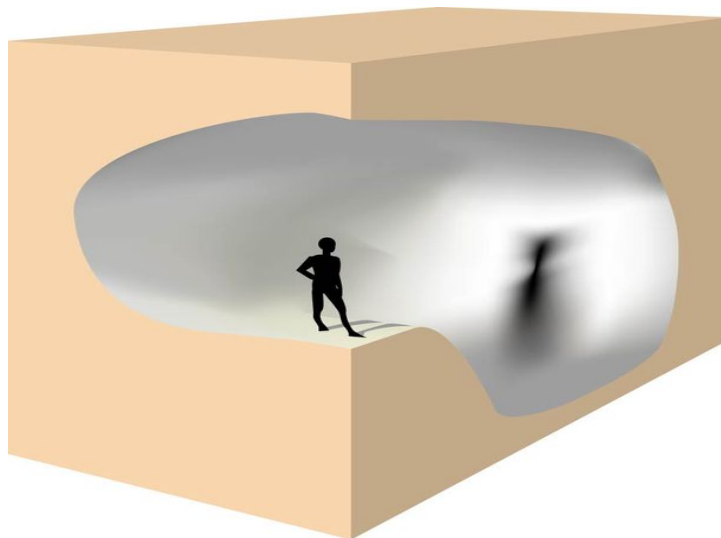
“Numa quente tarde de Verão, estava Alice a dormir deitada na relva, ao lado da irmã que lia encostada a uma árvore, quando de repente viu um coelho a correr, com um grande relógio de ouro na mão e a gritar: «Já vou atrasado!» Cheia de curiosidade, Alice seguiu-o.

O Coelho enfiou-se numa toca. Alice, que ia atrás, teve a impressão de cair até ao fundo de um poço. Mas viu-se numa grande sala com muitas portas fechadas e uma mesa de vidro. Uma pequenina porta que dera passagem ao coelho acabava de fechar-se. Alice espreitou pela fechadura e viu um magnífico jardim,

«Quem me dera estar naquele jardim!», pensou ela. Mas a portinha estava fechada à chave e Alice era muito grande para passar por ela. Viu então na mesa um cofre de vidro com uma chavinha dentro e uma garrafa que dizia: «BEBE-ME». E Alice bebeu um gole.”

- **Mostra da gravura do Mito da caverna** (Imagem: Plato's allegory of the cave.jpg. Acesso:30/07/06):

A projeção das sombras na caverna



ATIVIDADE:

Desenvolver uma pesquisa em dupla a respeito do pensamento platônico sobre a *Alegoria da Caverna*, respondendo a seguinte questão: porque não podemos acreditar nas primeiras impressões? Qual a relação entre a literatura de Lewis Carroll e o filme *Matrix* com a teoria de Platão.

Resposta: É importante que o aluno aponte a questão das sombras na caverna como uma imagem distorcida da verdadeira realidade e que o filósofo vai a busca das questões que as pessoas não se interessam em encontrar, que é a verdade. Somente os filósofos são capazes de descobrir a verdade porque são corajosos e estão dispostos a arriscar a sua vida para encontrar respostas às questões que parecem não ser plausíveis de entendimento. Faz-se necessário, também, apresentar a dualidade dos mundos em Platão para interpretação da obra literária e do filme.

AVALIAÇÃO:

A avaliação desta proposta será considerada como momento de investigação acerca do conteúdo desenvolvido, adotando-se a observação livre ao considerar o envolvimento dos participantes no decorrer das aulas.

BIBLIOGRAFIA:

Alice no país das maravilhas.

<http://www.projectodejersey.com/Alicenopaisdasmavilhas1.htm>. Acessado em 20 de agosto de 2006.

PLATÃO. **A República**. São Paulo, 6º ed. Editora Atena, 1956.

ARANHA; Maria Lúcia de Arruda e MARTINS; Maria Helena Pires. **Filosofando; Introdução a Filosofia**. Ed. Moderna.